

STANISLAW PONTE PRETA

Febeapá

Festival de Besteira que Assola o País

Apresentação
Sérgio Augusto

Posfácio
João Adolfo Hansen



Copyright © 2015 by herdeiras de Sérgio Porto

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Mateus Valadares

Foto da capa

Leonard McCombe/ Getty Images

Foto do autor

© Douglas Ferreira da Silva/ O Cruzeiro/ EM/ D.A Press

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Jane Pessoa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ponte Preta, Stanislaw, 1923-1968.

Febeapá : Festival de Besteira que Assola o País / Stanislaw
Ponte Preta ; apresentação Sérgio Augusto ; posfácio João Adolfo
Hansen — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2606-4

1. Crônicas brasileiras 2. Humor na literatura 3. Humorismo
brasileiro 1. Augusto, Sérgio II. Hansen, João Adolfo. III. Título.

15-04143

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação —A metamorfose, Sérgio Augusto, 15

Febeapá 1 (1966), 21

PARTE I

O Festival de Besteira, 25

O puxa-saquismo desvairado, 47

O informe secreto, 49

Meio a meio, 51

Nas tuberosidades isquiáticas, 53

A conspiração, 55

Desrespeito à região glútea, 57

Garotinho corrupto, 59

Por trás do biombo, 61

Depósito bancário, 63

“O general taí”, 65

PARTE II

- O antológico Lalau, 71
O paquera, 74
Eram parecidíssimas, 77
O sabiá do almirante, 81
Aos tímidos o que é dos tímidos, 83
O filho do camelô, 87
O diário de Muzema, 91
Um cara legal, 95
Desastre de automóvel, 98
Barba, cabelo e bigode, 101
Liberdade! Liberdade!, 104
O padre e o busto, 107
Diálogo de Réveillon, 110
Um predestinado, 112
Mitu no menu, 116
“Não sou uma qualquer”, 119
O analfabeto e a professora, 122
Adúltberos em cana, 125
Urubus e outros bichos, 127
Futebol com maconha, 129
Vacina controladora, 132
Adesão, 134
O cafezinho do canibal, 136
Arinete — a mulata, 138
Deu mãozinha no milagre, 140
A bolsa ou o elefante, 142
Suplício chinês, 144
O homem das nádegas frias, 146
O passeio do pastor, 148
O correr dos anos, 150
O homem que mastigou a sogra, 152
As retretes do senhor engenheiro, 154

- Dois amigos e um chato, 156
Mirinho e o disco, 158
A governanta, 160
O alegre folião, 163
Movido pelo ciúme, 165
Patrimônio, 168
A nós o coração suplementar, 171
“Transporta o céu para o chão”, 173

Febeapá 2 (1967), 175

PARTE I

- O Febeapá nº 2, 179
Delegado alienado, 181
Mato Grosso também engrossa, 182
Olhe o pulso, 182
Semanário do Piauí, 183
Nos urinóis da vida, 183
Cavalar inauguração, 184
As adoráveis, 184
Fortaleza civiliza-se!, 185
Janeiro começa bem, 186
Bota o Boto, 186
A bicha e a bolsa, 187
O procurador e o prefeito, 187
O lixo é luxo, 188
Calça e bota, 188
Começa fevereiro, 189
O dentista e o bispo, 190
É proibido nascer, 191
O matadouro, 192
Sul..., 192

- ... E Norte, 193
É Carnaval, 193
Ode ao burro, 194
Uma de padre, 196
Nas cadeiras delas, 196
Os fatais, 197
Bem que eu disse!, 198
Educação e “curtura”, 198
Rio e Niterói, 199
Pois, pois, 200
Pará, capital Berlim, 201
Abril em Porto Alegre, 201
No Ceará tem disso sim, 202
E. Santo e Brasília, 203
Sem afeto e sem açúcar, 204
O Grapete da Brahma, 204
Tsar subversivo, 205
De Pedro a Pedro, 205
Grande era o Rui, 206
As candocas, 207
Os magníficos reitores, 208
Maré fluminense, 208
Batizando o leite, 209
Mineiros e capixabas, 209
Um depufede, 210
Eremildo e o bidê, 211
Precisa-se de almirante, 211
De bruços, 212
Outro depufede, 213
Pela barba, 213
A bruxa solta, 214
Papa censurado, 215
Em Alagoas, 216

- Mais para o Sul, 216
Bad translation, 217
O secretário e o pipi, 217
A executiva executa, 219
Que rei sou eu?, 219
Tudo claro, 221
A falada e a escrita, 221
Autocrítica, 222
Singela homenagem, 222
D. Dalva, 223
Debaixo da batina, 223
Honroso empate, 224
Mania de Napoleão, 225
Outra de burro, 225
Outra de Ibrahim, 225
Confissão, 226
As solteiras, 226
É o fim, 227
Do contra, 227
Formiga enlatada, 228
Padre nosso que estais na Dops, 228
Salvando a pátria, 229
Na Saúde, 229
Mais respeito na bagunça, 230
Depufede diplomado, 230
O governo e os astros, 231
Música, doce música, 231
Pedro para para Pedro, 232
Luta íntima, 232
Literatura, 233
Em setembro, 233
Repristinatório, 234
A sigla, 234

- Um detalhe, 235
Baiano é mau mamífero, 235
Vai de asfalto, 236
Infantilidades, 236
Ganha mas não leva, 237
Dois críticos, 237
Um otimista, 238

PARTE II

- Teresinha e os três, 241
Zezinho e o coronel, 244
Androcles e a patroa, 247
Momento na delegacia, 250
A vontade do falecido, 254
Papo furado, 257
O caso da vela rolante, 260
Não me tire a desculpa, 263
Bronca — arma de otário, 266
O major da cachaça, 270
O apanhador de mulher, 274
Uma carta de doido, 278
O marechal e o bêbado, 281
Três fregueses no balcão, 284
O cego de Botafogo, 286
Não era fruta, 290
O umbigo da mulher amada, 292
Filosofias do nefando Altamirando, 294
Ninguém tem nada com isto, 297
Um sargento e sua saia, 299
Essas galinhas desvairadas, 301
Transistor anticoncepcional, 303
Antes só do que muito acompanhado, 305
Bom para quem tem dois, 308

Ginástica respiratória, 312
A guerra das deslumbradas, 315
A experiência matrimonial, 318
Já estava acostumada, 320
A importância do título, 322
Vantagens do subdesenvolvido, 324
O homem do telhado, 326
Teatro moderninho, 328
Os doces de Amarante, 332
Por causa do elevador, 335

Febeapá 3 (1968), 337

Previdência e previsão, 341
Foi longe, 341
Educação, 342
Ora!, 342
O problema, 342
Surpresa, 343
Dr. Mirinho, 343
Indigestão, 343
Um doente, 344
Em São Paulo, 344
Os judeus e a pílula, 344
Ainda o INPS, 345
Desperdício, 345
O impostor, 346
Insulto cerebral, 346
Os suicidados, 347
O elegante, 347
Em trânsito, 347
Em Niterói, 348
Dobre a língua, 348

Ela é carioca, 348
Espiritismo, 349
Desquite, 349
O urso amigo, 350
Grego procurado, 350
O padre e a moça, 350
O que eles recomendam, 351
Em Niterói, 351
Índio quer apito, 351
O decálogo, 352
Palmas, que ele merece!, 352
Concurso de juiz, 353
Cada um paga o seu, 353
A separação dos poderes, 354
O disfarce, 354
Bruxas no Ceará, 354
Castrado o rei Saul, 355
Com o rabo do olho, 355
Fiesta, 355
Cansaço, 356
Os inocentes, 356
Os judas óbvios, 356
O bom pastor, 357
Em seco, 357
Eloquência, 358
O leite do bode, 358
Sem cedilha, 359
O fanático, 359
O diálogo, 359
Agressão, 360
Uma de depufede, 360
Ainda a censura, 361
Bomba atômica, 361

- Opinião, 362
Hábito, 362
Proibição, 362
Tem razão, 363
Aeromoças, 363
Juiz contra menores, 363
Os justiceiros, 364
Julgando em causa própria, 364
Títulos, 365
Tevê, 365
Soa mal, 365
IPM, 366
Ululante, 366
Pobres jovens, 366
A favor do contra, 367
Compromisso, 367
Escabreada, 367
O nono mandamento, 368
Cartório pra frente, 368
Delicadeza, 369
Olho-grande, 369
Duro *ma non troppo*, 369
Esqueceram-se, 369
Padre não, 370
Distorções, 370
Continua, 370

A MÁQUINA DE FAZER DOIDO

- Minha estreia na TV, 375
Os diretores comerciais e... artísticos, 378
O café da esquina, 380
Americano e baiano, 382
TV “para você”, 384

- O Ibope, 386
O famoso John Gruneberg, 388
Histórias ibopeanas, 389
Espera até as sete, 391
O pessoal e os telefones, 393
O Contel bem que sabe, 394
“Deixa isso pra lá”, 395
Os donos dos canais, 396

NA TERRA DO CRIOULO DOIDO

- O grande compositor, 403
O estranho caso do isqueiro de ouro, 406
Luís Pierre e o túnel, 410
A escandalosa, 413
A solução, 416
Diálogo de festas, 420
JK e o crioulo doido, 423
A anciã que entrou numa fria, 426
A minicausa na justiça, 429
O candidato ideal, 431
Os grávidos em graves greves, 433
O inferminho e o Gervásio, 435
Foi num clube aí, 438
Zona de solução estudantil, 440
O poder velho, 444
O homem, esse passional, 447
O vagabundo e a previdência, 449

Posfácio — Notícia do Festival de Besteira que Assola o País, João Adolfo Hansen, 453

Febeapá 1

(1966)

PARTE I

O Festival de Besteira

É difícil ao historiador precisar o dia em que o Festival de Besteira começou a assolar o país. Pouco depois da “redentora”, cocorocas de diversas classes sociais e algumas autoridades que geralmente se dizem “otoridades”, sentindo a oportunidade de aparecer, já que a “redentora”, entre outras coisas, incentivou a política do dedurismo (corruptela de dedo-durismo, isto é, a arte de apontar com o dedo um colega, um vizinho, o próximo enfim, como corrupto ou subversivo — alguns apontavam dois dedos duros, para ambas as coisas), iniciaram essa feia prática, advindo daí cada besteira que eu vou te contar.

Lembrem-se que notei o alastramento do Festival de Besteira depois que uma inspetora de ensino no interior de São Paulo, portanto uma senhora de um nível intelectual mais elevado pouquinhinha coisa, ao saber que seu filho tirara zero numa prova de matemática, embora sabendo que o filho era um debiloide, não vacilou em apontar às autoridades o professor da criança como perigoso agente comunista. Foi um pega pra capar e o professor quase penetra pelo cano. Foi preciso que vários pedagogos da região

— todos de passado ilibado — se movimentassem em defesa do caluniado, para que ele se livrasse de um IPM.*

Mas tais casos, surgidos ainda no primeiro semestre de 1964, foram arrolados no livro *Garoto linha-dura*, que antecede este volume na série que se iniciou em 1961 com *Tia Zulmira e eu* e aumentou nos anos subsequentes com a publicação de *Primo Altamirando e elas* e *Rosamundo e os outros*. *Garoto linha-dura* apareceu em fins de 1964 e, no ano passado, nenhum livro da série foi publicado. Portanto, as manifestações do Festival de Besteira que Assola o País — Febeapá, para os íntimos — só aparecem no CLD, quando de suas manifestações iniciais, e — no presente volume, que leva seu título como homenagem — estão casos ocorridos no ano passado e no ano corrente de 1966.

O resumo abaixo foi feito na coluna “Fofocalizando”, publicada no vespertino *Última Hora*, junto com as crônicas que motivaram a série de livros. São apenas tópicos colhidos pela agência informativa Pretapress — a maior do mundo, porque nela colaboram todos os leitores de Stanislaw — e aqui relembrados sem a menor preocupação de exaltar este ou aquele membro do Febeapá. Vão na base da bagunça, para respeitar a atual conjuntura, e sua ordem é apenas cronológica.

O ministro da (que Deus nos perdoe) Educação, sr. Suplicy de Lacerda, que viria a se tornar um dos mais eminentes membros do Festival, reunia a imprensa para explicar aquilo que o coleguinha Nelson Rodrigues apelidou de óbvio ululante. Disse que ia diminuir os cursos superiores de cinco para quatro anos. E acrescentou: “Agora, os cursos que tinham normalmente cinco anos, passam a ser feitos em quatro”. Não é bacaninha?

* Inquérito policial-militar. [Todas as notas são do editor.]

Ibrahim Sued, que já era do Festival antes de sua oficialização, estreava num programa de televisão e avisava ao público: “Estarei aqui diariamente às terças e quintas”. No mesmo dia, aliás, o governo tomava uma resolução interessante: depois da intervenção em todos os sindicatos, resolia enviar uma delegação à 16^a Sessão do Conselho de Administração da *ort*,* em Genebra. O Brasil faria parte, justamente, da Comissão de Liberdade Sindical.

Um time da Alemanha Oriental vinha disputar alguns jogos no Brasil e o Itamaraty distribuiu uma nota avisando que os alemães só jogariam se a partida não tivesse cunho político. “Cunho político” — explicaria depois o próprio Itamaraty — era tocar o hino nacional dos dois países que iriam jogar. Um dia eu vou contar isto aos meus netinhos e os garotos vão comentar: “Esse vovô inventa cada besteira!”.

Em Mariana (MG) um delegado de polícia proibiu casais de sentarem juntos na única praça namorável da cidade e baixou portaria dizendo que moça só poderia ir ao cinema com atestado dos pais. No mesmo estado, mas em Belo Horizonte, um outro delegado distribuía espiões da polícia pelas arquibancadas dos estádios porque “daqui para a frente quem disser mais de três palavrões, torcendo pelo seu clube, vai preso”.

Era o IV Centenário do Rio e, apesar da penúria, o governo da Guanabara ia oferecer à plebe ignara o maior bolo do mundo. Sugestão do poeta Carlos Drummond de Andrade, quando soube que o bolo ia ter cinco metros de altura, cinco toneladas, duzentos e cinquenta quilos de açúcar, quatro mil ovos e doze litros de rum: “Bota mais rum”.

O secretário de Segurança de Minas Gerais, um cavalheiro chamado José Monteiro de Castro — grande entusiasta do Festi-

* Organização Internacional do Trabalho.

val de Besteira — proibia (já que fevereiro ia entrar) que mulher se apresentasse com pernas de fora em bailes carnavalescos “para impedir que apareçam fantasias que ofendam as Forças Armadas”. Como se perna de mulher alguma vez na vida tivesse ofendido as armas de alguém!

Já era fevereiro quando o diretor de Suprimento, em Brasília, proibia a venda de vodca “para combater o comunismo”. E Minas continuava fervendo: depois de aparecer um delegado em Ouro Preto que tentou proibir serenata; depois de aparecer um delegado em Mariana que proibiu namorar em jardim de praça pública; depois de aparecer um delegado em Belo Horizonte que proibia o beijo (mesmo em estação de trem na hora do trem partir); depois de aparecer, na mesma cidade, uma autoridade que não queria mulher de perna de fora no Carnaval, um juiz de menores proibia as alunas dos colégios de fazer ginástica “porque aula de educação física não é desfile de pernas”. Mas impressionante mesmo foi o prefeito de Petrópolis, que baixou uma portaria ditando normas para banhos de mar à fantasia. Eu escrevi prefeito de Petrópolis, cidade serrana do estado do Rio.

Em Niterói — isto é até pecado, cruzes!!! —, numa feira de livros instalada na praça Martim Afonso, a polícia apreendeu vários exemplares da encíclica papal *Mater et magistra*, sob a alegação de que aquilo era material subversivo. Para representar o mês de março de 65 no Festival, isso é mais do que suficiente.

Abril, mês que marcava o primeiro aniversário da “redentora”, marcou também uma bruta espinafração do juiz Whitaker da Cunha no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, que enviara seis ofícios ao magistrado e, em todos os seis, chamava-o de “meritíssimo”. Na sua bronca o juiz dizia que “meritíssimo” vem de mérito e “meritíssimo” vem de uma coisa sem mérito nenhum.

Quando se desenhou a perspectiva de uma seca no interior cearense, as autoridades dirigiram uma circular aos prefeitos,

solicitando informações sobre a situação local depois da passagem do equinócio. Um prefeito enviou a seguinte resposta à circular: “Dr. Equinócio ainda não passou por aqui. Se chegar será recebido como amigo, com foguetes, passeata e festas”.

Ainda na faixa do Nordeste: um telegrama informava que, para não morrerem de fome, os retirantes nordestinos estavam comendo formiga saúva. Isto bastou para que vários jornais consultassem nutrólogos, tendo eles afirmado que, de fato, a formiga apresentava qualidades nutritivas. Era uma temeridade tal afirmação, pois isso talvez fosse o bastante para que tirassem a formiga da boca do nordestino.

Uma das mais belas manifestações do Festival, entretanto, estava reservada para o mês de maio. Eis a solução encontrada pelos técnicos do governo para o pagamento dos novos aluguéis. Simplíssimo: no caso de aluguéis que não sofreram aumento porque o inquilino já pagava a mais do que a majoração autorizada pela lei, a pessoa deve subtrair do aluguel vigente o aluguel que teria que pagar por lei e multiplicar a diferença encontrada por 1,079, que dará “X”. Depois multiplica o aluguel que seria o corrigido pela lei por 1,17235, conforme manda a tabela, obtendo o resultado “Y” da terceira operação. A soma de “X” e “Y” é igual ao novo aluguel a pagar.

As besteiras andando soltas pela aí provocaram — como era justo de esperar — mau exemplo em todo o interior. No nordeste de Minas a cidade de Itaobim, que fica à beira da estrada Rio-Bahia, viria para o noticiário depois que o prefeito local plantou lindas e tenras palmeiras para enfeitar a estrada, e a oposição — com inveja — soltou cem cabritos de madrugada, que jantaram as palmeiras.

Em Fortaleza um colunista político, irritado com as bandalheiras dos vereadores em nome da liberdade, escreveu em sua coluna que metade da Câmara era composta de ladrões. No dia

seguinte saiu fumacinha e fizeram ameaças ao colunista se ele não desmentisse. Ele, em vez de desmentir, ratificou e ninguém percebeu, pois deu uma segunda notícia, dizendo que havia uma metade na Câmara de Vereadores que não era composta de ladrões.

Chovia muito em maio e os sonegadores do leite estavam em plena sonegação sem a menor punição. Houve um cavalleiro, presidente da CCPL* e da Cia. Fluminense de Laticínios, que veio a público para explicar que, com chuva, as vacas dão menos leite. O interessante é que a Holanda é uma superprodutora de leite, lá chove três quartos do ano, e as vacas não encolhem. Mas isto é um detalhe sem importância, que não iria barrar a trajetória vitoriosa do Festival de Besteira que Assola o País.

Em Recife, quem tocasse buzina na zona considerada de silêncio, pagava uma multa de duzentos cruzeiros. O deputado estadual Alcides Teixeira sabia disso mas distraiu-se e tocou. Imediatamente apareceu um guarda e multou-o. Alcides deu uma nota de mil cruzeiros para pagar os duzentos e o guarda informou-o de que não tinha troco. O deputado quebrou o galho: deu mais quatro buzinadas na Zona de Silêncio, ficou quite com a Justiça e foi embora.

Era lançada a peça *Liberdade, liberdade*, de Millôr Fernandes e Flávio Rangel, que teve uma publicidade impagável (nos dois sentidos) organizada pela linha-dura. Agentes de uma sociedade terrorista tentaram tumultuar o espetáculo e o promoveram de tal maneira que *Liberdade, liberdade* está em cartaz há quase dois anos; um recorde nacional, graças ao Festival.

Até o Dasp,** repartição criada para cuidar dos quadros de servidores da nação, consumindo para isso bilhões de cruzeiros anualmente, nomeava para a coletoria de São Bento do Sul dois

* Cooperativa Central dos Produtores de Leite.

** Departamento Administrativo do Serviço Público, extinto em 1986.

funcionários que já tinham morrido havia anos. Em compensação, para chefiar seus próprios serviços em Santa Catarina, o Dasp nomeava um coitado que estava aposentado há três anos, internado num hospício de Florianópolis.

Foi então que estreou no Theatro Municipal de São Paulo a peça clássica *Electra*, tendo comparecido ao local alguns agentes do Dops para prender Sófocles, autor da peça e acusado de subversão, mas já falecido em 406 a.C. Era junho e o pensador católico Tristão de Ataíde, o mesmo Alceu de Amoroso Lima, uma das personalidades mais festejadas da cultura brasileira, chegava à mesma conclusão da flor dos Ponte Preta em relação à burrice reinante, ao declarar, numa conferência: “A maior inflação nacional é de estupidez”.

A coisa atingia — como já disse — todas as camadas sociais, inclusive a intocável turma dos grã-finos. Por exemplo: num dos clubes mais elegantes de Belo Horizonte, realizou-se a festa para a escolha da Glamour Girl de 1965. A eleita, sob aplausos gerais, foi devidamente cercada e enfaixada. Na faixa, lia-se: “Glamour Gir de 65”. Levando-se em conta que gir é uma raça de gado vacum, foi chato.

Nas prefeituras municipais é que o Festival se espraiava com maior desembaraço: o prefeito Tassara Moreira, de Fribergu (RJ), inaugurava um bordel na cidade “para incentivar o turismo”, enquanto o prefeito de Fortaleza, Murilo Borges, atendia ao apelo do Instituto Histórico cearense e suspendia a construção de um mictório público em frente à estátua de José de Alencar na praça do mesmo nome. O instituto tinha classificado de “incontinência histórica” a instalação de um sanitário ali, justamente quando se comemora o centenário de Iracema. Agora o mictório está sendo construído atrás da estátua e o instituto agradeceu à prefeitura, ressaltando que “as pétreas narinas alencarianas não serão mais molestadas”. Foi uma solução honrosa, sem

dúvida, e agora, se alguém ficar aperreado, como se diz no Ceará, que vá atrás da estátua.

Na Assembleia Legislativa fluminense um deputado chamado José Miguel Simões, sem o menor remorso, pedia moção de solidariedade à novela *O Direito de Nascer*, por ver naquela coco-rocada toda uma “mensagem útil à família brasileira”. Noutra assembleia, mais importante pouquinha coisa, pois é federal, o deputado Eurico de Oliveira apresentava um projeto de anexação das Guianas ao território nacional. E, felizmente, com essas duas bombas, terminava o mês de junho, que é mês de foguetório.

Julho começava com a adesão do Banco Central à burrice vigente, baixando uma circular, relativa ao registro de pessoas físicas, na qual explicava:

Os parentes consanguíneos de um dos cônjuges são parentes por afinidade do outro; os parentes por afinidade de um dos cônjuges não são parentes do outro cônjuge; são também parentes por afinidade da pessoa, além dos parentes consanguíneos de seu cônjuge, os cônjuges de seus próprios parentes consanguíneos.

Dois acontecimentos absolutamente espantosos, cuja justificação só pode ser aceita se arrolados como inerentes ao Festival de Besteira: o costureiro Denner casou e Ibrahim Sued publicou um livro.

O secretário de Saúde da Guanabara, dr. Ozir Cunha, proibia os hospitais do estado de atenderem doentes vítimas de alcoolismo. Como é que um médico dá uma ordem dessas ninguém soube. Provavelmente ele estava influenciado pela chatíssima novela do dr. Valcourt. Aliás, essa novela influenciou muita gente. Tempos depois, quando um grupo de médicos do interior procurou o então candidato exclusivo à presidência da República — marechal Costa e Silva — para expor problemas de assis-

tência médica, o candidato disse que sabia do que se passava pois acompanhara a novela. Os médicos se entreolharam, perceberam que não adiantava ir em frente, fizeram um pouquinho de hora e se mandaram.

Eram instituídos mais dois dias: o Dia do Pobre e o Dia da Vovó. O primeiro por projeto do deputado Geraldo Ferraz e até hoje o pobre ainda não viu o dia dele; o segundo inventado por uma radialista “porque existem tantos dias e ninguém ainda se lembrou da avozinha”. A distinta não reparou que existe o Dia das Mães e que — jamais em tempo algum — mulher nenhuma conseguiu ser avó sem ser mãe antes.

A Delegacia de Costumes de Porto Alegre mandava retirar das livrarias, sem dar a menor satisfação aos livreiros, todos os livros que fossem considerados pornográficos. Um dos livros apreendidos era *O amante de Lady Chatterley* e, quando o delegado soube que o autor era súdito de sua majestade britânica, mandou devolver todos os exemplares, explicando aos seus homens: “Nós não temo nada que ver, tchê, com a pornografia inglesa. Só com a nacional, tchê!”.

O ministro da Saúde — dr. Raimundo de Britto — pronunciava uma frase lapidar: “Para aliviar a despesa do Tesouro Nacional devem morrer de fome dez por cento dos funcionários públicos, nem que para isso se inclua meu filho”. Somente uma outra frase conseguiu rivalizar com esta para gáudio do Febeapá, foi aquela que pronunciou o ministro Juraci Magalhães: * “O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”.

Em João Pessoa, no dia 17 de agosto de 65, era presa quando almoçava num restaurante local d. Eunice Lemos Jekiel, paraibana, mas que vivera vinte e dois anos nos Estados Unidos

* Embaixador do Brasil em Washington no governo Castello Branco.

e esquecera o português. Para soltá-la houve o empenho do próprio governador Pedro Gondim. Motivo da prisão: ela estava falando inglês em público e, portanto, talvez fosse comunista.

Outra vez o deputado Eurico de Oliveira: apresentava à Câmara um projeto sobre a importação de um milhão de portugueses para espalhar pela selva amazônica. Dias depois lascava outro: para tornar obrigatório, em todas as solenidades onde se tocasse o Hino Nacional, o canto do mesmo pelas autoridades presentes.

Policiais da Dops* e elementos do Exército invadiam a casa da escritora Jurema Finamour e carregavam diversos objetos, inclusive um liquidificador. Vejam que perigosa agente inimiga esta, que tinha um liquidificador escondido dentro de sua própria casa.

Segundo Tia Zulmira, “o policial é sempre suspeito” e — por isto mesmo — a polícia de Mato Grosso não é nem mais nem menos brilhante do que as outras polícias. Tanto assim que um delegado de lá terminou seu relatório sobre um crime político, com estas palavras: “A vítima foi encontrada às margens do rio Sucuriú, retalhada em quatro pedaços, com os membros separados do tronco, dentro de um saco de aniagem, amarrado e atado a uma pesada pedra. Ao que tudo indica, parece afastada a hipótese de suicídio”.

Repetia-se em Porto Alegre episódio semelhante ao ocorrido com Sófocles, em São Paulo. O coronel Bermudes, secretário da insegurança gaúcha, acusava todo o elenco do Teatro Leopoldina de debochado e exigia a presença dos atores e do autor da peça em seu gabinete. Depois ficou muito decepcionado, porque Georges Feydeau — o autor — desobedeceu sua ordem por motivo de força maior, isto é, faleceu em Paris, em 1921.

* Aqui, Delegacia de Ordem Política e Social. Ao longo do livro, o autor também se refere ao Departamento de Ordem Política e Social, de mesma sigla.

A revista *Boletim Cambial*, no seu número de novembro, publicava um artigo chamado “What Is Meant by Brazilian Revolution” e explicava aos leitores que era “o nosso esforço para tentar explicar em língua inglesa o que é a revolução brasileira”.

Em Campos ocorria um fato espantoso: a Associação Comercial da cidade organizou um júri simbólico de Adolf Hitler, sob o patrocínio do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Ao final do julgamento Hitler foi absolvido.

Em São Paulo, entrevistado num programa de televisão, o deputado Arnaldo Cerdeira explicou por que seus coleguinhas aumentam constantemente os próprios subsídios: “Quando eu entrei para a política, meus charutos custavam trezentos réis, agora estão custando mil e duzentos cruzeiros cada um”. Infelizmente, quem entrevistava o sr. Cerdeira era uma mulher e não ficava bem ela mandar que ele enfiasse o charuto noutro lugar.

Janeiro de 66! A Pretapress continuava trabalhando ativamente e colecionando novas notícias para o Festival de Bes-teira que Assola o País. E este ano começou tão bem que na Paraíba o prefeito da cidade de Juarez Távora nomeou para a prefeitura local, como funcionário público, figurando na folha de pagamento, o cavalo “Motor” de sua propriedade. Dizem que o cavalo do prefeito João Mendes é muito cumpridor dos seus deveres.

E no Maranhão, o prefeito de São Luís, sr. Epitácio Cafeteira, da família dos bules, começa a provar que é um alcaide de excelentes planos administrativos. Logo depois de assumir o cargo, uma de suas primeiras providências foi anunciada: Cafeteira proibiu o uso de máscaras em festas carnavalescas.

E quando isto aconteceu, todo mundo pensou que era brincadeira: a Procuradoria Geral da Justiça Militar encaminhou ao juiz corregedor um IPM instaurado na Dops para apurar atividades subversivas. Esta nem a linha frouxa esperava: IPM na Dops.